

Pele preta, desejo branco — a fetichização do corpo masculino negro como ferramenta de controle em *Le Nègre du Gouverneur* de Serge Patient**Black skin, white desire — the fetishization of the black male body as a control tool in *Le Nègre du Gouverneur* by Serge Patient****Christopher Rive St Vil****João Vichor de Oliveira Lopes**

Resumo: Frantz Fanon (2002; 2008), psiquiatra e revolucionário, expõe a forma como o colonialismo impõe uma estrutura hierárquica fundamentada na raça, e interpreta o corpo negro como locus de desejo, medo e exclusão, marcado pela "epidermização da inferioridade". Aponta como a sexualidade e a corporalidade de sujeitos negros foram historicamente instrumentalizadas em contextos coloniais, funcionando tanto como ferramenta de ascensão social quanto como mecanismo de dominação e estigmatização. Essa chave crítica, somada à noção de fetichização de Homi K. Bhabha (1998) e à crítica da razão negra de Achille Mbembe (2013), permite propor uma análise da representação do corpo negro, sobretudo o do narrador-personagem D'Chimbo, no romance *Le Nègre du Gouverneur* (2001), de Serge Patient; e investigar de que maneira a trajetória de D'Chimbo evidencia as ambiguidades da fetichização do corpo negro, revelando os limites do processo de assimilação cultural na Guiana Francesa do século XIX. Conclui-se que, embora D'Chimbo instrumentalize sua sexualidade e linguagem como estratégias de mobilidade, sua ascensão permanece limitada, pois o colonialismo o reconhece apenas como espetáculo, jamais como sujeito pleno. A narrativa de Serge Patient revela, assim, os paradoxos da assimilação e reafirma o corpo negro como território de disputa política e simbólica, contribuindo para reflexões atuais sobre racismo estrutural, identidade e resistência cultural.

Palavras-chave: Fetichização. Sexualidade. *Le Nègre du Gouverneur*.

Abstract: Frantz Fanon (2002; 2008), psychiatrist and revolutionary, exposes how colonialism imposes a hierarchical structure based on race, and interprets the black body as a locus of desire, fear and exclusion, marked by the "epidermalization of inferiority". It points out how the sexuality and corporality of black subjects were historically instrumentalized in colonial contexts, functioning both as a tool for social ascension and as a mechanism of domination and stigmatization. This critical key, added to the notion of fetishization by Homi K. Bhabha (1998) and the critique of black reason by Achille Mbembe (2013), allows propose an analysis of the representation of the black body, especially that of the narrator-character D'Chimbo, in the novel *Le Nègre du Gouverneur* (2001), by Serge Patient; and investigate how the trajectory of D'Chimbo highlights the ambiguities of black body fetishization, revealing the limits of the process of cultural assimilation in 19th century French Guiana. It is concluded that, although D'Chimbo instrumentalizes his sexuality and language as mobility strategies, his rise remains limited, because colonialism recognizes him only as a spectacle, never as a full-fledged subject. Serge Patient's narrative thus reveals the paradoxes of assimilation and reaffirms the black body as a territory of political and symbolic dispute, contributing to current reflections on structural racism, identity and cultural resistance.

Keywords: Fetishism. Sexuality. *Le Nègre du Gouverneur*.

Introdução

Relevar Frantz Fanon atualmente é uma forma de entender a psique do negro/colonizado/escravizado e dos mecanismos da colonização. O pensamento fanoniano é um *pensamento metamórfico* (Mbembe, 2013), na medida em que busca decodificar, quebrar e alterar a estrutura interóssea do colonialismo. Ele era convencido de que a colonização era uma força *necropolítica*, na qual o negro/colonizado/escravizado era um sem parente, sem quaisquer sinais de memória e subjetividade. Como bem demonstra Fanon (2008 [1952]), ao entrar nos navios tumbeiros, surge-se o negro. Isto é, não se nasce negro, torna-se negro a partir do tráfico transatlântico de pessoas escravizadas. Se o negro existe, é porque o branco cisgênero europeu o inventou. O negro é apenas a sombra do olhar do outro. O negro não existe antes do sistema escravagista, bem como a África.

Pode-se afirmar que, com o tratado atlântico (do século XV a XIX), homens e mulheres de origem do “continente africano” foram transformados em homens-objetos, homens-mercadorias, homens-máquinas e homens como moeda de troca. A partir do olhar dos colonizadores, homens e mulheres de cor preta tornam-se objeto de desvalorização universal, sofrem repressão racial e são desumanizados. Eles são representados como um protótipo de uma figura pré-humana incapaz de enxergar em si um ser humano, de autoproduzir e de se levantar contra seus opressores. Isto é, parecia que o negro/colonizado/escravizado não tinha uma vida, uma respiração, um coração, ou melhor, não possuía os mesmos órgãos que seu “mestre” e um futuro próprio. O futuro do negro era sempre um futuro delegado que esse último recebia de seu mestre como um dom: *l'affranchissement* (Mbembe, 2013, p. 222).

No contexto dessa cultura colonial fetichizada que é o principal polo da crítica fanoniana, percebem-se dois vértices: o que era considerado como homem (o colonizador) e seu objeto (o negro/colonizado/escravizado), ou seja, o branco e o negro representam “os dois pólos de um mundo, pólos em luta contínua, uma verdadeira concepção maniqueísta do mundo” (Fanon, 2008, p. 56). Segundo Fanon, o negro não tem mais de ser negro, mas sê-lo diante do branco. Na perspectiva do homem branco, o negro não possui resistência ontológica. Ele tem uma função: representar os sentimentos inferiores, as más tendências e o lado obscuro da alma, ou seja, no ideário ocidental, ao vislumbrar a identidade negra, enxerga-se somente o mal, a fome, a miséria.

Se o trabalho do colonizador era impossibilitar o sonho da liberdade do negro/colonizado/escravizado e conduzi-lo a um poço obscuro sem nenhuma

alternativa, para esse, tudo que lhe interessaria era imaginar todas as combinações possíveis para aniquilar o colonizador. Esse mundo colonizado era um mundo maniqueísta, no qual o colonizador fazia do negro/colonizado/escravizado uma espécie de quintessência do mal. Ele era declarado oficialmente um ser sem valor, sem etnia. Negava-o a humanidade, destruindo tudo que lhe aproximava, desfigurando tudo que tinha traços de estética e moralidade (Fanon, 2002). Conforme assevera Fanon (2002, p. 54), o negro/colonizado/escravizado era dominado, não domesticado; era inferiorizado, mas não convencido de sua inferioridade.

O negro é, assim, um objeto “fobógeno e ansiógeno” que se transforma em confidente de todas as projeções fetichizadas daquilo que estava ausente no branco (Fanon, 2008, p. 134). A escolha do objeto fobógeno é sobredeterminada, pois, perante o negro, tudo se passa no plano genital. Como salienta Fanon (2008, p. 143), ter fobia do negro é “ter medo do biológico”, pois o negro é exposto no plano biológico. O negro é fixado em dois domínios: o intelectual e o sexual. Ao se referir a essa representação, Fanon explica que, para a maioria dos brancos, o negro representa o instinto sexual, encarnando a potência genital sobre a da moral e das interdições.

À luz dessas reflexões fanonianas, pretendemos complexificar a intrincada relação entre a sexualidade do personagem de D'Chimbo e sua instrumentalização no contexto colonial da Guiana Francesa do século XIX, no romance *Le Nègre du Gouverneur*¹ (2001), de Serge Patient. A análise detalha como o órgão sexual de D'Chimbo, enquanto atributo físico e objeto de fetichização² racial, tornou-se um meio estratégico de ascensão social em uma sociedade hierarquizada. Contudo, evidencia-se que essa “ascensão” era uma faca de dois gumes, pois, ao mesmo tempo em que lhe concedia acesso a espaços de poder, a hipersexualização e a bestialização de seu corpo o mantinham em um ciclo de subordinação e desumanização, frustrando suas tentativas de integração plena e reforçando os estereótipos raciais impostos pelo sistema colonial.³

¹Neste trabalho, usamos tanto o romance original, *Le Nègre du Gouverneur* (2001), como a tradução, *O escravo do Governador* (2005).

²Conforme explica Homi K. Bhabha (1998), a fetichização racial, ou melhor, o fetiche do discurso colonial e o fetiche sexual dão ênfase à cor da pele e ao genital, como chave da diferença cultural e racial no estereótipo. O fetiche sexual, como veremos a seguir em nossas análises sobre D'Chimbo e Lady Stanley, está ligado “ao objeto bom”; e é ele o elemento do cenário que torna o objeto todo desejável e passível de ser amado, o que facilita as relações sexuais e pode até promover uma forma de felicidade” (Bhabha, 1998, p. 116-117).

³Recorte de estudo apresentado no segundo capítulo do Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). LOPES, João Víctor de Oliveira. **O corpo como símbolo de poder: a ascensão de D'Chimbo através da sexualidade em *Le Nègre du Gouverneur* de Serge Patient.** 2025. 39 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) — Universidade do Estado do Amapá, Curso de Licenciatura em Letras/Francês, 2025.

Ascenção em disfarce: o limiar do corpo negro como estratégia

No artigo intitulado “Corpo negro: uma conveniente construção conceitual”, Alexandra Gouvêa Dumas (2019) traz uma análise crítica do uso da expressão “corpo negro”, no contexto brasileiro, destacando a importância de entender esse termo dentro de um contexto histórico e cultural particular, moldado por uma construção histórica influenciada pelo processo de escravização. A autora chama a atenção para o perigo da generalização, que pode resultar em simplificações injustas ao agrupar uma variedade de experiências sob uma única designação. Para ela, é fundamental reconhecer a multiplicidade de subjetividades e as diferentes corporeidades presentes na diáspora afro-brasileira. Portanto, a ideia de “corpo negro”, também problematizada por Fanon (2008; 2002), não deve ser vista como uma classificação rígida, mas sim como um conceito que integra complexidade e dinamismo, espelhando as múltiplas facetas das identidades raciais e culturais.

A valorização do corpo europeu branco e a desvalorização do corpo negro são questões que se misturam com o legado da colonização e que pedem uma reflexão mais profunda sobre as estruturas de poder que ainda estão por aqui, enquanto:

[...] o contexto da expansão comercial burguesa e da cultura renascentista abriu as portas para a construção do moderno ideário filosófico que mais tarde transformaria o europeu no homem universal [...] e todos os povos e culturas não condizentes com os sistemas culturais europeus em variações menos evoluídas. (Almeida, 2018, p. 20)

Michel Collot (2013, p. 37) menciona que “é o corpo que faz a conexão da consciência com o mundo” e, depois, ele reforça que “o corpo é o elo entre o espaço e o espírito”. Essa ideia fenomenológica destaca que a nossa percepção do mundo está profundamente ligada ao nosso corpo — ou seja, o corpo é a ferramenta que usamos para viver e para nos encontrarmos. Saindo do mundo das ideias, essa perspectiva ganha um peso ainda maior quando nós pensamos na vivência do corpo negro: um corpo que, ao longo da história, foi visto como objeto, racializado e brutalmente separado da imagem de “espírito” nas tradições eurocêntricas do saber.

Como explica Achille Mbembe (2013):

O corpo é também, em si mesmo, um poder que se veste de boa vontade com uma máscara. Porque, para ser domesticado, o rosto do poder noturno deve ser previamente coberto, ou até mesmo desfigurado, restituído ao seu estado de provação. Deve ser possível não reconhecer nada de humano — objeto petrificado da morte, mas cujo próprio é incluir os órgãos ainda em movimento da vida. (Mbembe, 2013, p. 196)⁴

É nesse sentido que se torna relevante a problematização da representação do corpo de D'Chimbo no romance *Le Nègre du Gouverneur* (2001), de Serge Patient, como uma forma de desafiar as hierarquias coloniais. O corpo negro, enquanto locus político, simbólico e performativo, torna-se relevante para a compreensão das relações de dominação e resistência no contexto colonial. Serge Patient constrói o personagem D'Chimbo como um corpo negro que transita entre a submissão e a subversão, mobilizando sua corporeidade e sexualidade como instrumentos de ascensão social dentro de uma ordem colonialista rigidamente racializada.

D'Chimbo, o personagem principal da história, é apresentado como um símbolo ambíguo: por um lado, representa a herança da violência escravagista e do racismo estrutural; por outro, atua como um agente estratégico na utilização de seu corpo e sexualidade como meios para ascender socialmente e desestabilizar as fronteiras da subalternidade. A trajetória de D'Chimbo, em primeiro lugar, espelha a percepção das estruturas de poder nas quais está envolvido. O personagem percebe que, além do *marronage* ou da violência colonial, o domínio do francês, a utilização do uniforme e, principalmente, o controle sobre sua sexualidade são métodos alternativos para atingir posições de influência na lógica colonial.

D'Chimbo é introduzido na narrativa como “uma bela mercadoria. Tinha o peito possante, os dentes sadios, as juntas finas” (Patient, 2005, p. 23), cuja exibição pública na *Place d'Ebène* intensifica a objetificação racial e sexual da população negra. A sua genitália, apresentada ao público como produto e atração, gera sentimentos dúbios nas mulheres brancas da elite colonial, expondo o fascínio erótico e o racismo estrutural que permeiam o imaginário colonial: “Algumas matronas o encaravam sem considerar-lhe os genitais e com um olhar de condescendentes de outras virilidades” (Patient, 2001, p. 36). Como diria Aparecida Sueli Carneiro (2005), o erotismo associado a esse corpo não é

⁴“Le corps est aussi, en soi, une puissance que l'on revêt volontiers d'un masque. Car, pour être domestiqué, le visage de la puissance nocturne doit être au préalable recouvert, voire défiguré, restitué à son statut d'éprouvante. On doit pouvoir n'y reconnaître rien d'humain - objet pétrifié de la mort, mais dont le propre est d'inclure les organes encore mouvants de la vie” (Mbembe, 2013, p. 196). (Todas as traduções são nossas).

visto como manifestação de subjetividade, mas como a confirmação de um estereótipo racializado de força bestial.

Diante dessa exposição sexual, logo após de descer o navio tumbeiro no porto de Caiena, na Guiana, disse o narrador onisciente:

D'Chimbo mantinha-se calmo. Uma palavra impressionou-o: sexo. Ao desvendá-lo, o comissário fazia estalar a língua apontando com uma vara de bambu o detalhe anatômico, como o faria se apresentasse um animal à curiosidade do público. D'Chimbo comprehendeu o que era sexo no seu corpo. “Essa palavra me parece preciosa, pensou (Patient, 2005, p. 25).

Nessa cena da narrativa patientiana, ilustra-se a percepção de Fanon quando salienta que “diante do negro [...], tudo se passa no plano genital” (Fanon, 2008). No olhar das mulheres brancas, D'Chimbo tem uma potência sexual alucinante. Foi na manhã desta exposição do corpo de D'Chimbo, na praça de Ebène, que Lady Stanley — esposa do M. Stanley (colono de origem inglesa e capitão de navio tumbeiro) e proprietária de uma fazenda cheia de escravizados — o conheceu e “revelou-se-lhe a virilidade nua de D'Chimbo” e vislumbrou no escravizado a “ocasião para a sua desforra” (Patient, 2005, p. 28).

Após a compra de D'Chimbo, Lady Stanley estava confusa e angustiada. Só a ideia de possuir o corpo do negro aumentava a excitação sexual. Sem demora, ela provocou D'Chimbo:

com a languidez das gatas mobilizando no seu íntimo uma explosão de luxúria. A besta dormente nele despertou, o cio exalando a almíscar. Atirou-se contra as ondas da crinolina, arrancando-lhe as roupas íntimas, acossando-a com marradas de carneiro, empurrando-a sobre uma cadeira que sacudia sob os movimentos violentos da posse. Lady Stanley desfaleceu com um gemido. Lágrimas corriam-lhe pelas faces. Ele comprehendeu que poderia obter dela o que quisesse. (Patient, 2005, p. 28-29)

Ao entender essa lógica de leitura corporal, D'Chimbo opta por transformá-la em uma estratégia. Por exemplo, o ato sexual com Lady Stanley é utilizado para adquirir o que ele vê como um símbolo de acesso ao poder: o idioma francês. “D'Chimbo querer aprender falar” (Patient, 2005, p. 29), insiste Lady Stanley, após a relação sexual, demonstrando sua percepção do significado político e simbólico da língua do colonizador.

Na perspectiva de Fanon, esse ato sexual com o escravizado revela a vida sexual anormal das mulheres, posto que, no período colonial, “seus maridos as negligenciavam [...]. Todas atribuíam ao preto poderes que os outros (maridos, amantes episódicos) não possuíam” (Fanon, 2008, p. 138-139). Com isso, tudo que interessava a Lady Stanley era possuir D’Chimbo, usá-lo como seu objeto sexual. Ela estava obcecada pelo corpo dele, e dormir com ele era sua satisfação. O delírio orgástico sempre lhe escapuliu. D’Chimbo era o suporte de seus desejos, ou seja, tratava-se de um desejo fetichista de estereótipos racistas (Bhabha, 1998).

D’Chimbo entende isso e se empenha em reformular sua imagem para entrar nos círculos da elite branca: aprende francês, veste o uniforme, altera seu comportamento. Constatase esse fato na resposta final que ele deu a Virginie, personagem secundária pela qual se apaixona: “Minhas roupas mudaram muito” (Patient, 2005, p. 86).

Essa resposta de D’Chimbo, apesar de possuir um tom irônico, expõe a ilusão da assimilação e simboliza a derrota de um projeto de assimilação baseado na performance e não na transformação estrutural. Isto é, resume-se à constatação de que a ascensão social do negro colonial é meramente superficial, uma dissimulação de aparência que não modifica sua posição estrutural. Apesar das roupas terem mudado, sua essência para a sociedade colonial continuou vinculada à cor da sua pele. Assim, Patient se afasta do apoio a uma assimilação inocente. Em vez disso, o autor se alinha às críticas de Fanon, no qual ele afirmou que “o negro não é um homem até que seja reconhecido como tal pelo olhar branco” (Fanon, 2008, p. 153).

Fanon analisa bem esse limite da assimilação ao denunciar a “epidermização da inferioridade”, um processo no qual o negro busca se humanizar diante do branco, imitando seus códigos culturais, porém, mantém-se apegado à sua identidade racial: “Quaisquer que sejam minhas tentativas de integração, estou marcado, estigmatizado, aprisionado na epiderme” (Fanon, 2008, p. 92). D’Chimbo ilustra bem essa dinâmica. Ele tenta persuadir sua admissão na elite colonial utilizando os meios disponíveis — seu corpo, seu desejo, sua performance — mas, no final, é deixado de lado, sendo violentado simbólica e moralmente.

Ao buscar transformar a posição simbólica que lhe foi historicamente atribuída, a de bestialidade, força bruta e hipersexualidade, em capital social, D’Chimbo percebe que o seu reconhecimento, mesmo imitando os mesmos códigos sociais, será sempre parcial, ligado ao show do corpo almejado, mas nunca ao indivíduo completo. Neuza Santos

Souza (2021) destaca, nesse sentido, que essas características são indicativas de uma “animalidade” exotificada: “a superpotência sexual é mais um dos estereótipos que atribui ao negro a supremacia do biológico” (Souza, 2021, p. 61). Em relação a D’Chimbo, essa força se transforma em uma ferramenta de sedução e de acesso ao círculo íntimo do poder colonial.

O trecho “um insucesso seria o diabo. Se realmente conseguir, serei promovido a capitão” (Patient, 2005, p. 82), nos mostra esta conexão entre desejo e poder, revelando um indivíduo negro que, ao se apropriar dos símbolos da dominação, procura se inserir no seu próprio sistema de opressão para ensiná-lo internamente. D’Chimbo emprega seu corpo como um instrumento político: ao seduzir mulheres brancas e circular nos meandros do poder colonial, ele converte sua sexualidade, antes vista como animal e estigmatizada, em uma ferramenta de negociação simbólica e social. Como apontou Mbembe (2013), o corpo do negro que está preso, nu, acorrentado, batido, morto, é o mesmo que é cuidado, educado, vestido, alimentado.

Ao ter relações sexuais com mulheres brancas, D’Chimbo quebra a proibição simbólica do contato sexual entre raças e converte seu corpo em um objeto de atração, mas também de vigilância. Parafraseando Fanon (2008, p. 81), o caso de D’Chimbo não representa um exemplo das relações negro/branco, mas a maneira com que um neurótico se comporta. O comportamento de D’Chimbo revela as causas psicológicas da alienação. Ele não sente ser negro, mas sente ser o outro: um branco nos pensamentos europeus, pela situação a qual estava vivendo.

D’Chimbo, ao ser considerado “exótico”, não é totalmente aceito como um igual. Por isso, ele se esforça para anular as características que o vinculam à sua ascendência africana. O seu anseio não se limita a ser livre, mas também a se integrar à elite colonial — um anseio que só pode ser parcialmente alcançado, já que a marca racial é inalterável nas estruturas racistas. Como explica Souza, “os traços que poderiam caracterizar o negro como superior são aqueles que simbolizam uma verdadeira inferioridade e que definem ‘a besta’” (Souza, 2021, p. 62). Portanto, a sexualidade de D’Chimbo é ao mesmo tempo um instrumento, e uma armadilha, possibilitando-lhe circular em ambientes brancos, mas também reforçando estereótipos de virilidade e exotismo racial. Pode-se constatar que a sexualidade de D’Chimbo está repleta de ambiguidade: ao mesmo tempo que o aproxima do ideal do colonizador, também o expõe a contradições intensas.

D'Chimbo incorpora e manipula esse poder ao configurar sua sexualidade como um produto socialmente valorizado. No entanto, ao fazer isso, expõe as restrições dessa mercantilização: nunca será um “capitão de navio tumbeiro” de verdade, já que o sistema colonial não prevê a emancipação efetiva dos corpos negros, mas apenas a exibição de sua domesticação. Diante dessa dinâmica de poder que permeia o corpo e a sexualidade, como aponta Michel Foucault (1988, p. 34), percebe-se que “o corpo se transforma em uma superfície de registro do poder: é formado, treinado, submisso e obediente”. Isto é, mesmo que o corpo negro possa ser um agente de resistência e redefinição do lugar social, ele ainda está preso às estruturas simbólicas que o aprisionam como uma alteridade passível de controle. D'Chimbo, ao empregar a sedução, a língua e os códigos do colonizador, oscila entre o anseio e a submissão, entre a autoridade e a paródia.

D'Chimbo rompe com o tabu social e o preconceito racial ao beijar Virginie Barel, filha do procurador, provocando a ira da sociedade branca: “Um branco se meter com uma negra já é suficientemente repugnante, mas uma branca se envolver com um negro! Que horror!” (Patient, 2005, p. 15). A sua sexualidade, antes percebida como poder, passa a representar uma ameaça. Victor Hugues⁵, que o exaltava como um modelo de assimilação bem-sucedida, começa a vê-lo como um “monstro imundo” que precisa ser eliminado.

Chega um momento em que D'Chimbo vai além de ser um indivíduo racializado. Ele é um corpo em constante atividade, inserido em uma lógica social que vincula a negritude à marginalidade e à fraqueza. D'Chimbo comprehende que o corpo — especialmente o corpo negro erotizado e exótico — pode ser mercadoria simbólica valiosa dentro da lógica colonial, o que o leva a instrumentalizar sua sexualidade como forma de acessar espaços de poder antes vedados aos sujeitos racializados. Essa dinâmica de apropriação do corpo pelo próprio sujeito o distancia da posição de passividade historicamente atribuída ao negro.

Como aponta Fanon (2008), o sujeito negro é constantemente forçado a habitar a “zona do não-ser”, onde sua humanidade é negada e sua corporeidade é reduzida a objeto de vigilância e fetichização. Fanon também reconhece a possibilidade de subversão por meio da afirmação do corpo e da identidade: “Oh, meu corpo, fazem de mim sempre um homem que questiona!” (Fanon, 2008, p. 191). É nesse sentido que

⁵Victor Hugues era o governador que chegou em Guiana para estabelecer ordem. Ele foi o mesmo que havia abolido o regime de escravidão em Guadeloupe (Paitent, 2005, p. 7).

D'Chimbo encarna uma tensão produtiva, ele performa os signos da dominação (idioma, traje, sexualidade), mas o faz para contestá-los.

A performatividade do corpo, conforme explica Martha Ribeiro (2023), sempre se dá em meio a disputas: “A performatividade do corpo — o gênero, a cor, a visualidade — nos chega muito antes de qualquer palavra que esse corpo possa dizer” (Ribeiro, 2023, p. 11). Isso é evidente na trajetória de D'Chimbo, que não é ouvido como sujeito racional, mas visto como corpo a ser controlado ou desejado. Em um contexto no qual o negro é socialmente representado como “o outro do belo” (Souza, 2021), D'Chimbo inverte esse signo ao tornar-se objeto de desejo e de ambição, inclusive das elites brancas coloniais.

D'Chimbo também precisa ser interpretado à luz do conceito de narcisismo e ideal do ego, abordado por Souza (2021) com base na teoria psicanalítica. O indivíduo negro, para sobreviver psíquica e socialmente, cria um ideal do ego fundamentado na branquitude, assimilando valores e imagens que negam sua procedência. Ao declarar que “com a mulher branca, posso fazer qualquer coisa em termos sexuais, e ser mal interpretado: ‘coisa de negro, coisa suja’” (Souza, 2021, p. 60), a fala de Sales — personagem entrevistado por Souza — em *Tornar-se Negro*, revela a ambivalência e a tensão constante entre desejo e culpa, entre poder e exclusão.

A situação de D'Chimbo corrobora a reflexão de Elizabeth Grosz (2000), segundo a qual o corpo feminino e/ou racializado é, ao mesmo tempo, objeto de fetiche e perigo no contexto patriarcal e colonial. Ele é apreciado como obediente, porém rejeitado quando demonstra subjetividade e ambição. Ao solicitar que Lady Stanley o trate por “vós”, D'Chimbo rompe simbolicamente a relação de subordinação, resultando em sua exclusão definitiva: “exijo que me trate por ‘vós’” (Patient, 2005, p. 31). Isso mostra que ele reconhece a sua superioridade diante da mulher branca, exigindo não somente respeito linguístico, mas também o reconhecimento de sua dignidade humana.

A trajetória de D'Chimbo evidencia os paradoxos da busca por ascensão social através da performance corporal. O corpo negro que performa, não apenas habita a cena colonial, mas desafia suas regras e, ao mesmo tempo, as confirma. Com sua presença desafiadora, ele denuncia a lógica da exclusão racial, mas ao fazê-lo, reforça a estrutura simbólica que o qualifica como “exótico”. Ao retratar a vida de um negro que busca se integrar à sociedade colonial através de sua sexualidade, vislumbra-se como a narrativa patientiana expõe as restrições desse projeto: o corpo negro pode até se vestir com as roupas do poder, mas nunca será reconhecido como um indivíduo completo dentro da

estrutura colonial. A sua corporalidade continua sendo um espaço de mediação e conflito — ou, para Fanon, “um corpo que vê, age e reflete conscientemente sobre o mundo” (Fanon, 2008, p. 105). No entanto, antes de tudo, é um corpo que precisa batalhar para ser.

A análise da representação de D’Chimbo, na perspectiva fanoniana, evidencia como o corpo negro, historicamente marcado pela escravidão, pelo racismo e pela sexualização, permanece como um território de disputa simbólica no imaginário colonial. Na narrativa patientiana, o personagem se apropria de estereótipos e códigos do colonizador para acessar espaços de poder, transformando sua corporeidade em instrumento político. Contudo, sua trajetória revela o limite dessa estratégia: a ascensão baseada na performance não rompe as estruturas racistas que sustentam a ordem colonial, apenas transita por suas frestas. Ao mesmo tempo que desafia normas e tabus, D’Chimbo reafirma a centralidade do corpo como campo de resistência e de captura, em que desejo, dominação e exclusão se entrelaçam. Assim, a figura de D’Chimbo expõe, com força dramática, a tensão entre a possibilidade de subversão e a persistência das hierarquias raciais, lembrando que, enquanto a cor da pele continuar a ser um marcador social de desigualdade, o reconhecimento pleno da humanidade negra permanecerá um projeto em disputa.

Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura.** Tradução Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser.** 2005. 339 f. Tese (Doutorado) – Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

COLLOT, Michel. **Poética e filosofia da paisagem.** Tradução de Ida Alves *et al.* Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013.

DUMAS, Alexandra Gouvêa. Corpo negro: uma conveniente construção conceitual. **XV Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**, 2019, s/p. Disponível em: <https://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-484/111785.pdf>. Acesso em: 20 jun 2025.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FANON, Frantz. **Les damnés de la terre.** Paris: La Découverte & Syros, 2002.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber.** Rio de Janeiro: Graal, 1988.

GROSZ, Elizabeth. Corpos reconfigurados. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 14, p. 45-86, 2000. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635340/3139>. Acesso em: 23 dez. 2024.

LOPES, João Victhor de Oliveira. **O corpo como símbolo de poder: a ascensão de D'Chimbo através da sexualidade em Le Nègre du Gouverneur de Serge Patient.** 2025. 39 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). — Universidade do Estado do Amapá, Curso de Licenciatura em Letras/Francês, 2025.

MBEMBE, Achille. **Critique de la raison nègre.** Paris: Éditions La Découverte, 2013.

PATIENT, Serge. **Le Nègre du Gouverneur suivi de Guyane pour tout dire.** Matoury: Ibis Rouge Éditions, 2001.

PATIENT, Serge. **O Escravo do governador.** Tradução de Paulo Wysling. Campinas; São Paulo: Pontes Editores, 2005.

RIBEIRO, Martha. E se pensarmos a educação como performatividade corporal? In: GONÇALVES, Jean Carlos (org.). **CORPO(S) 2: cultura, estética, discurso.** São Paulo: Pimenta Cultural, 2023.

SOUZA, Neuza Santos. **Tornar-se Negro:** As vicissitudes da identidade do negro em ascensão social. 4. ed. São Paulo: Zahar, 2021.

Data de submissão: 01/09/2025

Data de aceite: 21/11/2025